

Anton Lukesch.  
Apresentado ao Sr. Presidente da FUNMI  
General Oscar Bandeira de Aello.  
Belém, 26 de Maio de 1971.

PACIFICAÇÃO DOS ÍNDIOS ASURINI DO PIAÇABA - XINGU

CHEFIA DA EXPEDIÇÃO

Mons. Dr. Anton Lukesch, etnólogo, professor da Universidade de Graz (Áustria); Pde. Karl Lukesch, etnólogo.

PESSOAL

Hipólito Matias Carneiro, colono e sertanejo (Paissandu, Xingu); José Pereira de Souza, piloto e sertanejo (São Felix do Xingu); Jorge Antônio Silva, colono, seringueiro, mateiro (São Felix do Xingu); Antônio Pereira Lima (apelido: Marajó), castanheiro, mateiro, gateiro (Paissandu, Xingu); Antenor Alves de Sousa, colono, seringueiro (São Felix do Xingu); Manuel de Sousa Lima, colono, gateiro (Piranhaquara, Xingu).

EQUIPAMENTO, MATERIAL E TÉCNICO

Um reboque grande, de uma tonelada e meia, com motor de pôpa 17/20; uma canoa.

Assistência de avião bi-motor com 7 vôos: transporte de material; vôos de reconhecimento, acompanhando a expedição como segurança e eventual apóio em casos de emergência.

Ferramentas, etc., para a construção de um barracão grande do tipo usual na região. Material (encerados de lona, etc.) para a confecção rápida de acampamentos.

MANTIMENTOS

3 alq. de farinha  
3 tambores de arroz  
conservas variadas  
20 k de café  
40 k de açúcar  
utensílios para caça e pesca

EQUIPAMENTO MÉDICO

Farmácia de emergência, bem sortida, sobretudo de ataduras, injeções e remédios de pronto socorro, para os participantes da expedição.

Remédios e injeções necessários, conforme as experiências de penetrações anteriores, para prestar, em casos de necessidade, uma assistência imediata e eficaz aos índios.

PRESENTES PARA OS ÍNDIOS

- 150 facões
- 70 machados
- 50 ferros de cova
- 120 facas-peixeiras
- 20 k de miçangas
- 25 m de tabaco de corda

INTRODUÇÃO

É certamente o sonho de todos os etnólogos chegar como um dos primeiros a um daqueles povos naturais que tanto estima e se esforça de estudar, como também facilitar e suavizar a sua entrada na nova época de contatos inevitáveis com a nossa civilização e, se fôr possível, preparar um desenvolvimento feliz de a culturação. Este sonho se realizou para nós nesta pacificação. Agradeço sinceramente à S. Excia. o Gal. Oscar Jerônimo Bandeira de Mello, pela compreensão quando, previamente, lhe comuniquei o nosso plano de visitar os Índios Asurini. Da mesma maneira, agradeço ao sr. Delegado da FUNAI em Belém, sr. Cel. Antônio Augusto Nogueira, como também ao sr. Cel. Pedro da Silva Rondon, Chefe do Posto Kararaô. A expedição enquadrou-se nos termos da autorização nº 004/69, do dia 31 de janeiro de 1969, da FUNAI, tratando da assistência a todos os silvícolas afetadas à Prelazia do Xingu.

Cabe-me agradecer à Companhia Meridional de Mineração e ao seu Gerente Geral, Dr. Arthur W. Ruff, pela assistência valiosa e importantíssima de seus aviões.

Por último na ordem mas não em importância, sou grato aos cientistas do Grupo de Trabalho FUNAI-Transamazônica pelo ma

terial lingüístico etnográfico e etnológico (referente aos índios Asurini do Tocantins, a/Xipaia) que, generosamente colocaram a minha disposição. Igualmente, agradeço ao Frei Gil Gomes Lei tão O.P. pelo material sôbre o grupo Surui.

A realização da Transamazônica e a abertura de um mundo desconhecido para a civilização brasileira, torna mais urgente a tarefa da pacificação dos índios que ainda vivem nas selvas. É necessário, portanto, acelerar essas tentativas que, por isso mesmo, se tornam mais árduas e mais difíceis, para evitar a todo custo, choques interétnicos e iniciar uma aculturação orgânica, visando alcançar o longínquo alvo de uma integração perfeita na sociedade nacional, conservando, quanto possível, os genuínos valores culturais do indígena. Foi também a intenção da nossa modesta expedição colaborar, neste setor, com os árduos, penosos e heróicos esforços da Fundação Nacional do Índio.

PAZ AOS ASURINIMons. Dr. Anton Lukesch

As obras da construção da Transamazônica, realização esta digna deste imenso País, abrindo um novo mundo para a civilização brasileira, tornam urgentíssima a tarefa de estabelecer contactos pacíficos com os índios que desde tempos remotos viviam e vivem naquele outro mundo envolvidos pelo mistério das selvas. É necessário, portanto, acelerar essas tentativas que, por isso mesmo, tornam-se mais árduas, mais difíceis e perigosas para evitar a todo custo choques interétnicos e iniciar uma aculturação orgânica, visando alcançar o longínquo alvo de uma integração dos índios na grande família brasileira.

Foi também a intenção da nossa expedição de prestar uma pequena contribuição, neste setor, aos árduos, penosos e heróicos esforços da Fundação Nacional do Índio.

É certamente o sonho de todo etnólogo chegar como um dos primeiros a um daqueles "povos naturais" que tanto estima e se esforça de estudar, como também facilitar e suavizar a nova época de contactos inevitáveis com a nossa civilização e, se for possível, preparar um desenvolvimento feliz de aculturação. Este sonho se realizou para nós no dia 9 de junho de 1971.

Quem não se lembra do trágico fim entre índios do Padre Caleri que há alguns anos, espantou e emocionou o sentimento de todos no mundo.

O exemplo, o idealismo e o sacrifício da vida pela causa da fé e da caridade humana do padre não era à toa. A crônica e o êxito desta modesta expedição, cuidadosamente preparada e baseando-se também, em estudos etnológicos e linguísticos e na experiência de um convívio com índios de muitos anos, pode talvez demonstrar um pouco também que o padre e missionário é o legítimo e apropriado mensageiro da paz e iniciador e de um desenvolvimento de um futuro feliz dos nossos irmãos nas selvas que dão os primeiros passos no nosso mundo.

Os habitantes de Altamira hoje um dos focos da Transamazônica que puxa sua linha de vida pulsante brasileira nas infinitas selvas sempre chamavam a área do lado direito do Xingu, a terra dos Asuriní. Assim a chamam, também os moradores das choças solitárias a beira do Rio Xingu, por cima e por baixo. Denominação esta se devia da valentia do dono daquele mundo no outro lado, tornando-o inacessível. Contavam-se muitas histórias sangrentas dos Asuriní, de assaltos violentos e de seu arco pequeno e largo tão bem confeccionado, silencioso mas impiedoso e infalível acertou seu alvo. Nos últimos decênios os Asuriní se retiraram no mistério das selvas. Houve apenas contactos, em

bora muitos esporádicos com eles na região do rio Ipixuna e suas cabeceiras. "Os índios falavam com a gente" como se expressam os caçadores de onças e gatos do mato, quer dizer - porque ninguém no mundo fala a língua deles - exigiram com insistência acompanhado com muitos gestos, ferreamentas, machados, facões, facas que os gateiros, geralmente trabalham a dois, inspirados de medo sempre lhes deram. Quando chegaram até uma aldeia indígena a acharam sempre abandonada mas ficaram admirados dos utensílios domésticos maravilhosos que havia lá. Descrevem certamente sua fantasia estimulada também de várias emoções, os índios uma vez como gigantes valentes, barbudos, de cor vermelha brilhante, até os cabelos da barba; outra vez de cor quase branca e de olhos azuis, como talvez de não ser mesmo índios, mas sim um "povo cristão" que por um motivo desconhecido se retirou nas selvas.

Ponto de saída de nossa expedição foi São Felix, cidadezinha sonhadora, na bacia média do Xingu, onde em toda calma podemos realizar os últimos trabalhos preparatórios. Arrumamos o nosso equipamento, incluindo também, as ferramentas para a construção de um barracão grande, do tipo da região, material encerados de lona etc. para a confecção rápida de acampamentos, presentes para os índios e uma farmácia de emergência, bem sortida, sobretudo de ataduras, injeções e remédios de pronto socorro

para os participantes da expedição e de remédios e injeções necessários, conforme as experiências de nosso convívio, de muitos anos com os selvícolas, para prestar em caso de necessidade, uma assistência imediata e eficaz aos índios.

Naquelas três semanas em São Felix fizemos também a escôlha rigorosa do pessoal participante da expedição, segundo cri- térios de habilidade de sertanejo, mateiro e capacidade fisi- ca e moral.

Dia 15 de abril de 1971, à tarde, fiz junto com meu irmão Pe. Carlos e um mateiro, um vôo de reconhecimento de três horas. O tempo não era muito favorável, houve nevoeiro, passamos faixas de núvens, trovoadas e aguaceiros. Sobrevoamos a beira direita do Xingu, rio por baixo e o rio Ipi-xuna, sem descobrir nada. Passou uma hora e meia, a nossa reserva de gasolina era restrita e não poderíamos prolongar o vôo sobre a mata virgem até o anoitecer, tornando-se o clima dentro do avião já um pouco nervoso, quando descobri-mos uma roça indígena e uma pequena aldeia perto da fita prateada do Rio Ipiaçaba, sendo este último conhecido na região simplesmente por Piaçaba. E alguns instantes depois dividindo umas núvens de baixo de nós, espalhou-se diante de nossos olhares entusiasmados, uma aldeia grande com muitas casas e uma maloca enorme em construção. O nosso avião mergulhou na profundidade, em baixo com o ruído ribombante dos dois motores, deu algumas voltas. Não conseguimos, porém constatar se a aldeia era ou não povoada. Junto com o

piloto marcamos religiosamente a localização dessas aldeias no nosso mapa.

Já no dia seguinte saiu a nossa expedição, viajando por reboque grande de motor de pôpa, o qual se juntou à uma canoa rio Xingu por baixo.

Durante a viagem verificamos pelas informações de <sup>outros</sup> colonos residentes nas margens do rio que nos últimos decênios nunca se deram contactos diretos e pessoais com os índios na região do rio Piaçaba. Alguns daqueles moradores do Xingu, todo ano durante os meses de verão trabalham como caçadores de onça e de gato do mato na área do Piaçaba e sendo assim podem ser considerados como testemunhas oculares. Houve apenas, <sup>os</sup> conforme a expressão daqueles sertanejos, roubos por parte dos índios. Tais aquisições de machados, facões, rêdes, sacos de borracha, ferramentas e roupas foram sempre efetuados na ausência, quando o caçador tinha se afastado do rancho, para dar uma caçada ou para armar ou vigiar seus sabroês (armadilhas).

Um caso singular, desfavorável a nossa tarefa a respeito de uma vingança não sangrenta nos foi referido. O caçador que tinha sido roubado, vingou-se, penetrando numa maloca por eles abandonada, quebrando maliciosamente cerâmicas, utensílios domésticos e bancos dos índios.

Depois de ~~uma~~ <sup>por cima,</sup> viagem de cinco dias Xingu por baixo e Piaçaba onde várias vezes foi necessário de lutar com machado e facão pelo caminho livre contra as moitas e brenhas que



creceram no alveo entre as ilhas do rio, chegamos ao ponto, a beira do Piaçaba mais próximo da aldeia grande dos Asuriní, conforme o desenho feito no nosso mapa. Calculamos a distância, conforme o caminho feito de motor e o gasto de gasolina.

Iniciamos logo a abertura de uma clareira no mato derrubando árvores de troncos enormes e a construção de um barracão firme de madeira, estacas e cobertura de palha, para servir de acampamento de base. A clareira devia oferecer-nos a possibilidade de dar sinais (com fogo) ao nosso aviador, quando viesse sobrevoando em intervalos de uma semana como combinamos, anteriormente. No centro da clareira, preparamos uma pista lisa para o eventual pouso de um helicóptero, no caso de emergência.

Ao lado destes trabalhos já no segundo dia de nossa chegada, efetuamos as primeiras excursões em grupos nos arredores. Não descobrimos picadas nem outros vestígios de presença de índios perto da beira do rio inundada pelas fortes chuvas do último mês.

Permitimos aos nossos homens pescaria e caçadas, as últimas apenas na vizinhança imediata do acampamento e no outro lado do rio para evitar tiros perto dos índios que poderiam amedrontá-los, assustá-los e afastá-los.

A procura da aldeia tornou-se difícil na selva espessa e fechada.

Houve chuvas torrenciais que se repetiam dia e noite perturbando os nossos esforços, como também a orientação pelo avião.

Demos estrita ordem a nosso pessoal de : a  
penas observar e de não entrar em contacto ou falar com índios que porventura, aparecessem durante a nossa ausência.

Já nos primeiros dias, porém, descobrimos, no alto de uma serra, picadas de índios, feitas alguns meses atrás que, entretanto, se perderam na mata sem conduzir à aldeia, tapiris da mesma época, e "tocaias" (em Asurini, tokóí), tipo colmeias de palha. Deixamos presentes como facões, facas e miçangas em "tocaias" e na beira das picadas.

No dia 28 de abril, sendo a primeira observação da presença certa de índios. Dois dias de viagem, em rumo NE do nosso acampamento, dois dos nossos mateiros descobriram de longe uma roça indígena com a presença de 3 índios, 1 homem e 2 crianças. Chegaram sem fôlego com esta notícia para nós tão feliz.

Mas chuvas grossas impediram a continuação das investigações. Utilizamos o tempo para continuar na construção do barracão, fazendo a cobertura de palha. Para terminar o serviço, faltaram somente as paredes de estacas. Limpamos a clareira e fizemos tôdas as preparativas para uma longa expedição por terra.

No dia 8 de maio, saiu a nossa expedição ao interior, acompanhada por 4 dos melhores homens da nossa comitiva. Ficaram dois homens para tomar conta do acampamento. Deixamos para eles mantimentos para 15 dias e presentes para os índios para o caso de se aproximasse um grupo deles durante a nossa ausência. Os sertanejos e o piloto esconderam a nossa canoa com o resto da nossa carga nas moitas do outro lado do rio.

Às 11,00 hs, saiu a expedição. Cada um dos homens levava uma carga de 35 a 40 kg, com rédes, mantimentos e presentes para os índios. Abrimos uma picada, primeiramente ao longo do "Grotão Napoleão".

Às 15,00 hs começamos com a construção de uma ponte improvisada para podermos passar para o outro lado do igarapé.

Às 15,30 hs, o nosso avião nos sobrevoou, dando muitas voltas. Devido à mata fechada, não conseguimos fazer sinais para anunciar a nossa presença.

Às 17,30 hs, descobrimos uma picada grande e recente dos índios em rumo N. Seguimos a picada quase correndo. Ao escurecer, fizemos o rancho perto de uma pequena grotta.

No dia 9 de maio, era domingo, pelas 7,00 hs, celebramos a Missa em Honra de Nossa Senhora da Conceição, sobre um altar improvisado de estacas de palmeira. Tivemos apenas hostias, vinho, o cálice, estolas e a liturgia escrita à mão

no caderno de pesquisas.

Às 9,00 hs, continuamos a expedição. Repetimos a estrita ordem de não atirar e de não conversar. Passamos algumas "tocaias". A picada se abriu aos poucos, tornando-se um verdadeiro caminho. Encontramos troncos enormes de árvores derrubadas, com o corte de machado certo.

Meio dia; Descobrimos numa distância de 50m algumas choças de palha de uma pequena aldeia e, na sua entrada, a figura alta e imponente de um índio velho, com arco empunhado e teso na mão, e um maço de flechas ao lado, gritando e fazendo gestos insistentes para nos afastarmos. Mandamos os nossos companheiros colocar tôdas as armas no chão. Meu-irmão, o Pe. Carlos, estava vigiando atentamente os homens da nossa comitiva, enquanto eu e um dos mateiros, um pouco atrás de mim nos aproximamos do índio. Todavia, tentando mostrar-lhe que éramos amigos. O índio desapareceu, de repente. Ouviram-se altos gritos na aldeia e os ruídos de um grande movimento dentro dela. Em seguida, apareceu a figura alta e musculosa de um índio em pleno vigor da sua fôrça, aparentando mais ou menos 30 anos de idade, quem mais tarde identificamos ser o chefe da aldeia. Continuou a gritar e nos ameaçar com o arco teso. Com tôdas as palavras Asurini, Surui e antigo Tupi que fui capaz de me lembrar na ocasião, quis fazê-lo entender que éramos amigos, mostrando-lhe sempre que não carregávamos armas. Durante tôda esta cena, fiquei de braços levan

tados, em cada mão um presente para oferecer-lhe. Meu irmão, o Pe. Carlos, trouxe-me ainda outros presentes; um maço de facões, machados, miçangas, sem, porém, perder de vista por um só instante a nossa comitiva. Mandou os homens juntarem a nossa carga, enquanto sussuravam que estávamos cercados por índios escondidos e armados de arco e flechas. Ainda continuando com os gestos e gritos agressivos, indicando o arco teso, o índio finalmente se sentou. Somente uns 10 passos me separavam d'ele. Resolvi dá-los, quase correndo e me sentei abruptamente num tronco numa distância de 2m do índio. Ele espantado e confuso estranhou no início, mas finalmente aceitou 2 facões que lhe apresentei com as 2 mãos estendidas e com ares mais amigos e fraternais. De repente, por qual motivo não sei, começou a rir, tornando-se com isso a situação aliviada e salva. Meu irmão trouxe outros presentes e logrei de fazer persuadir o índio para chamar a sua mulher. Apareceu uma moça de figura ainda pueril. Para completar a nossa vitória, caiu de repente uma chuva grossa. Preocupado com este fato, o agora hospitaleiro, "dono da casa", me indicou que chamasse os nossos homens para entrarem e se abrigarem sob um teto. A mulher correu para esvaziar uma pequena casa, mais ao lado, para os nossos homens atarem ali as suas rédes. Consegui compreender a palavra Asurini " *por* "chamar", "procurar", "trazer". Pedi ao capitão que chamasse todos os habitantes da aldeia. O índio desapareceu e chegaram, em seguida, 3 ou 4 homens e, no decorrer de 2 ou 3 horas, todos os habitantes da aldeia,

*e nãõ*  
inclusive o cacique mesmo. Os índios andam completamente nus. Os homens usam corda peniana e alguns vestem peças de roupa tirada dos gateiros. Outrossim, são de figura alta e alguns dos homens tem barba comprida. A aldeia consiste de 3 pequenas malocas ligadas entre si e 3 casas. Os índios, imitando o ruído do avião, nos comunicaram que o tinham visto e que tinha feito várias voltas sobre a aldeia no dia anterior. Ao que parece, tinham estabelecido, por si mesmos a conexão entre a passagem do avião e a nossa chegada.

Às 15,30 hs, apareceu de novo o nosso avião e pudemos saudá-lo já junto com os índios, agora entusiasmados. O aviador, que verificou o bom êxito da expedição, jogou-nos um recado que, infelizmente, se perdeu nas copas das altas palmeiras existentes na proximidade da aldeia.

Os índios, desde o início, trataram-nos com um verdadeiro carinho. Este comportamento tão agradável, gentil e hospitaleiro, depois de uns 20 anos de trabalho entre outros índios, foi para nós uma verdadeira revelação. Sempre voltavam a oferecer comida, mingau, jabuti, mutum e jacu cozidos ou moqueados, batata doce, macaxeira, milho e beiju de mandioca.

Com palavras de Asurini do Tocantins, Surui, antigo Tupi, e alguns termos Kaiapó, juntamente com as palavras Asurini apanhadas na hora, logrei de me fazer entender nos assuntos mais importantes.

Os índios tinham bancos confeccionados por eles, rêdes de algodão, cerâmicas, panelas de barro para o uso na cozinha e outras, brilhantes e coloridas, para água.

À noite, eu e meu irmão, atamos as nossas rêdes na casa que estava ligada às malocas, onde os índios até conservaram louça, e que as mulheres limpavam para nós. Fizemos isso para dar uma certa tranquilidade aos nossos companheiros que dormiam numa casa um pouco mais afastada.

No dia seguinte, visitamos, juntamente com os índios, uma das 3 roças situadas na vizinhança da aldeia. Encontramos uma plantação de milho (de uma variedade diferente das conhecidas entre os civilizados) tabaco, urucu, mandioca e batata doce.

O total da roça podia ter, avaliadamente, 6 tarefas.

No dia 11 de maio, conseguimos fazer entender os índios que nos conduzissem até a aldeia grande. Pensávamos que seria uma caminhada de apenas 2 a 3 horas e não levamos nem rêdes, nem mantimentos. Acompanharam-nos 2 dos nossos homens, enquanto 2 ficaram com a carga na aldeia pequena. Os índios na nossa frente com seus passos curtos levantando a cada um, bem alto a perna pareciam apenas passear despreocupadamente - porém em verdade andavam muito ligeiro e tivemos grande pena para poder segui-los. Às vezes nos falhou o fôlego e precisamos pedi-los de parar um pouco para respirar.

Atravessamos de novo o igarapé um pouco acima da ponte que construímos alguns dias atrás. Subimos e descemos uma alta serra. O caminho desembocou finalmente numa estrada larga, ao lado de troncos gigantescos, cortados.

Às 16,00 hs, depois de uma caminhada de 7 horas, chegamos a nosso objetivo, à grande aldeia dos Asurini. Esta é construída dentro de uma área de roça de aproximadamente 7 tarefas. O terreno é limpo e aplainado, deixando-se apenas crescer as plantas úteis e de cultivo, como mandioca, algodão, tabaco, urucú e milho. Existe uma maloca maior, 9 casas menores e uma maloca enorme em construção, quase terminada. A maloca em construção é de um tipo abobadado, porém, de oitões retos, e possui uma extensão de cerca de 25 por 10m, e uma altura de 5m. Na casa cabem, conforme os nossos cálculos, baseados na maneira habitacional dos índios, mais de 100 indivíduos. A construção de palha mostra um alto nível técnico. As ligações são efetuadas de maneira muito exata e as proporções da casa lembram as das construções dos antigos gregos. No fim da clareira, aproximadamente uns 200 metros atrás da grande maloca em construção, encontra-se um tronco gigantesco em pé, descascado e liso, de cerca de 30m de altura, com uma espécie de escada ao lado para poder subir até o topo. Os índios explicaram que se trata de uma maneira de pegar araras no ninho, mas deixaram também entrever que se tratava, ao mesmo tempo, de uma espécie de "posto de



observação", pois, de fato, de lá deve ter-se uma vista ampla sôbre a aldeia e seus arredores.

Os índios da aldeia grande nos fizeram uma calorosa recepção, oferecendo-nos a tôda hora comidas e, depois, rêdes para dormir. Fumamos com êles o seu charuto comprido, tradicional, passando-o de um ao outro, obedecendo, sem dúvida, a um certo ritual de amizade. Existem também muitos xerimbabos, que tratam com tanto carinho na aldeia, várias espécies de macacos enfeitados com colares no pescoço, coatis, cutias, queixadas, um porco de casa, enorme (cuja origem desconhecemos) e até mucuras mansas. Não observamos a presença de cachorros.

Pernoitamos nesta aldeia. Nas rêdes que os índios nos ofereceram nos sentimos no meio dos índios são, salvos e felizes. A chuva grossa que caiu à noite e da qual o teto perfeito da casa indígina não deixou penetrar a chuva e nos pareceu como uma música antes de adormecermos.

A volta à aldeia pequena tornou-se mias penosa. As inundações do igarapé provocadas pela chuva torrencial da noite nos forçaram de passar a vau e de nadar quasi cem metros. Na nossa picada em cima da serra encontramos uma cobra grande deitada de cor intranquila como o próprio chão. Um dos

venenosa

Um dos nossos sertanejos que a julgou de muito, quiz matá-la com tiro de revólver. Impedi-o no último instante, o que ele na sua nervosidade chamou gritando com "locura" .

Nosso guia índio com toda calma avançou dois passos e com um só golpe certo de facão na cabeça da cobra, matou-a. Chegando à aldeia pequena continuamos as nossas pesquisas intensivas etnográficas e linguísticas.

Evidentemente, os índios, por própria iniciativa, já fizeram esforços para sair da época da pedra. Encontramos uma série de utensílios como panelas de alumínio, ferramentas, 3 machados, garrafas e objetos de material plástico, surru piados dos civilizados. Grande parte deles foi transformado em objetos ou enfeites indígenas, principalmente miçangas (perfuradas), o que indica um alto senso e capacidade para certos tipos de artesanato. Outrossim, não observamos a presença de plumária (exceto das flechas) que parece não existir.

Dia 15 de maio, pedimos ao cacique que alguns homens nos acompanhassem até o nosso acampamento para receberem ali, mais presentes. Por fim, toda a aldeia nos acompanhou, inclusive o "jardim zoológico".

Mandamos um dos nossos companheiros na frente para avisar

os dois homens que ficaram no acampamento que não agissem conforme o uso comum dos seringueiros, saudando os amigos com tiros de alegria.

Às 14,00 hs, chegamos no acampamento. Ali, uma surpresa muito desagradável nos esperava. Por um descuido dos homens, a nossa canoa, amarrada na outra margem, alagou-se devido às grossas chuvas dos dias passados. Perdemos muitos objetos de valor e o resto que ficou, tivemos que secar no chão, num trabalho penoso. Os índios não perturbaram, de forma alguma, estas atividades. ~~Em seguida~~ e por própria iniciativa, aprontaram as paredes do nosso barracão, arranjando estacas boas, bem cortadas e bem limpas. Mais de 30 índios ataram suas rêdes dentro do nosso barracão, deixando a metade dêle desocupado para o nosso uso. Os outros construíram 5 tapiris e uma casa, ligada ao nosso barracão. Derrubando árvores altas, ampliaram a clareira cujo centro as mulheres limparam, alisando e aplainando o chão, para uma festa com danças, acompanhadas por flautas de taquara e taquaracu que tinham trazido da aldeia.

Dia 16 de maio, domingo à tarde celebramos a Missa dentro do barracão, sem aviso prévio, porém, na presença dos índios que assistiram com curiosidade, mas com respeito, em pleno silêncio.

À noite, houve uma festinha com danças, acompanhadas pelos instrumentos musicais acima referidos.

Dia 17 de maio, os últimos dias de nossa convivência decorreram em completa harmonia.

Em certa ocasião, um dos nossos sertanejos, contrariando a nossa proibição, atirou numa caça. Os índios não se assustaram muito, pois explicamos satisfatoriamente a eles o que tinha passado, de forma que depois, convidaram até os nossos homens para acompanhá-los na caça com as armas de fogo.

Estes índios são um povo verdadeiramente trabalhador. Os homens levantam-se de madrugada para ir trabalhar, e as mulheres cozinham e executam as suas atividades domésticas até tarde da noite. Com os nossos presentes de ferramentas, facões, machados, facas peixeiras, ferros de cova e miçangas, ficaram realmente entusiasmados. Nunca deixaram seus facões de mão e até dormiram com eles. Alguns homens penduraram o machado no pescoço, amarrando-o com envira, até confeccionarem, com extraordinária habilidade, o cabo. Os índios mostraram-se reconhecidos e, sem que pedissemos, ofereceram-nos presentes também e decoraram-nos com os próprios colares de missangas de madeira, ossos e dentes de animais.

Levantamos também um mastro para a Bandeira Nacional que içamos na presença de todos.

O número total dos índios, com os quais entramos em contato pessoal, era de 74 indivíduos, sendo destes 30 homens, 41 mulheres e 6 crianças (3 masculinas e 3 femininas), contando a criança menor de 2 anos, aproximadamente. Não vimos mulheres grávidas. Os índios, certa vez, falaram de mais mulheres com crianças de colo, o que provavelmente indica que o total do grupo seja bem maior. Também a grande maloca em construção na aldeia onde (como já mencionamos) caberia 200 ou mais índios, está em desproporção com o número de índios que encontramos. Possivelmente trata-se aqui de um grupo avançado com a tarefa de preparar a residência do grupo total.

O estado de saúde dos índios era excelente. Observamos, todavia, que uma série de índios tinha os dentes cariados e estragados. Na hora da nossa chegada, houve apenas 3 pessoas doentes, um homem velho, outro de 25 anos, e uma moça de 15 anos. Todos estavam com febre, tinham um comportamento apático, dor de barriga e de cabeça, tratando-se, talvez, de ataques de malária. Aquêles índios aceitaram sem dificuldade os nossos medicamentos e se recuperaram dentro de 3 dias depois da nossa chegada.

Dia 19 de maio, era o dia de nossa despedida. Aconselhamos os índios para voltar à aldeia grande. Eles concordaram e disseram que queriam abrir uma estrada direta para a nossa volta até aquela aldeia, em linha reta do nosso acampamento.

Na despedida as mulheres nos decoraram de nôvo com seus colares. Os asurini sopraram a fumaça de seus grandes charutos no rumo do nosso caminho, rio abaixo para fazê-lo livrar das desgraças e tormentos que causam espíritos maus e para tornar a nossa viagem feliz e nós com o ardente desejo de uma benção no nosso coração imitando os índios, defumamos o regresso deles.

Gritos de saudações nos acompanharam, enquanto a nossa canoa, inicialmente sem motor, movida apenas pelos golpes de remo, fortes mas silenciosos dos nossos sertanejos deslisou devagar rio abaixo.

Às 20 hs da noite, já no escuro, chegamos ao mesmo rancho onde pernoitamos na subida.

Dia 20 de maio

Às 14,00 hs, alcançamos Piranhaquara, onde pernoitamos.

Dia 21 de maio

Chegamos, à noite, em Altamira.

Dia 22 de maio

Visita ao Pôsto Kararaô, onde fiz o primeiro relatório oral ao sr. Cel. Pedro da Silva Rondon da FUNAI, sôbre a expedição.